

## CARTOGRAFIA, DIÁRIO DE CAMPO E FOTOGRAFIA: DISPOSITIVOS EM UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS NA ESCOLA

Renata Diniz Cavallini<sup>19</sup>

**Resumo:** O que desejamos com esse trabalho é viver uma experiência transformadora de si, junto com crianças que habitam uma escola de educação infantil, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Esta é uma pesquisa-intervenção que reverberou da dissertação de nossa atuação como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação em Professores da UERJ, Rio de Janeiro. Como também de nossa inserção em uma escola federal de educação infantil do Rio de Janeiro, quando a pesquisadora em questão foi aprovada para concurso de professora substituta. Nesse sentido, nosso objetivo aposta em apresentar experiências de nosso dia a dia com as crianças na escola com o uso da cartografia, dos diários de campo e da fotografia como dispositivos de análise e intervenção. Acreditamos que esta pesquisa pode dar a ver a falar modos diferentes de pensar a criança, bem como as escolas de educação infantil, contribuindo para ampliação de outras análises na educação e formação de professores. Contudo, para nos ajudar nessa caminhada vamos compor com as propostas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que colocam a cartografia como um processo de produção de subjetividades. Também nos debruçamos em René Lourau e seu trabalho com diários de campo. Em nosso trabalho com os infantis e com a escola de educação infantil utilizamos os estudos de René Schérer e Walter Kohan, que apostam em uma infância inventada. Por último, para pensar uma Formação Inventiva de Professores apostamos nos trabalhos de Rosimeri de Oliveira Dias.

**Palavras-chave:** Cartografia; diário de campo; fotografia; infantis.

**Abstract:** What we want with this work is to live a transformative experience for oneself, together with children who live in an early childhood education school, located in the city of Rio de Janeiro. This is an intervention research that reverberated from the dissertation of our work as a master's student in the Postgraduate Program in Education Training Processes and Social Inequalities at the Faculty of Teacher Training at UERJ, Rio de Janeiro. As well as our

---

<sup>19</sup> Renata Cavallini Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, RJ. Atua como Professora de Apoio Especializado pela Fundação Municipal de Niterói, RJ. E-mail para contato: [rdcavallini@gmail.com](mailto:rdcavallini@gmail.com).

insertion in a federal early childhood education school in Rio de Janeiro, when the researcher in question was approved for the substitute teacher competition. In this sense, our objective is to present our daily experiences with children at school using cartography, field diaries and photography as analysis and intervention devices. We believe that this research can reveal different ways of thinking about children, as well as early childhood schools, contributing to the expansion of other analyzes in education and teacher training. However, to help us on this journey we will use the proposals of Gilles Deleuze and Félix Guattari, who place cartography as a process of producing subjectivities. We also looked at René Lourau and his work with field diaries. In our work with children and early childhood education schools, we use the studies of René Schérer and Walter Kohan, who believe in an invented childhood. Finally, to think about Inventive Teacher Training we rely on the work of Rosimeri de Oliveira Dias.

**Keywords:** Cartography; field diary; photography; children.

### **Habitando, cartografando e mapeando territórios**

O início dessa trajetória acontece no ano de 2017, quando se dá nossa aprovação para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação em Professores da UERJ, na cidade de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, e também nossa aprovação no concurso para professora substituta de uma escola de educação infantil federal, da cidade do Rio de Janeiro. Iniciamos o trabalho com um grupo de doze crianças de idade entre quatro a cinco anos, porém no ano seguinte diminuiu para nove crianças com idades entre cinco e seis anos.

Assim, após algum tempo habitando, cartografando e mapeando os territórios entre escola básica e universidade, emerge o desejo em pensar uma formação inventiva de professores (Dias, 2012), apostando em uma pesquisa-intervenção (Rocha, 2012) com uso da cartografia (Deleuze; Guattari, 2004), da fotografia (Sontag, 2004) e dos diários de campo (Lourau, 1993) como dispositivos de análise na escola de educação infantil com as crianças.

No primeiro momento, nossa ideia é pensar como a cartografia, a fotografia e os diários de campo podem nos ajudar a analisar e intervir nos movimentos que as crianças estabelecem com o território e os sujeitos que ali habitam. O segundo momento será dedicado aos movimentos tecidos no dia a dia com as crianças na escola, onde na processualidade da

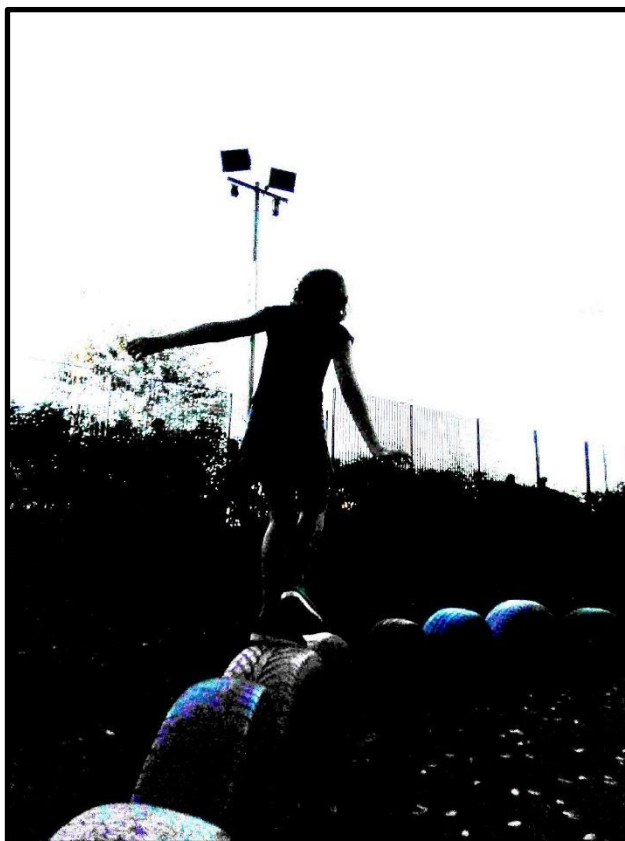
pesquisa encontramos nosso modo de pensar, ser e fazer. No terceiro momento vamos analisar a criança por meio do devir-criança, diferenciando-o do que as postula por uma fase etária, para isso, trazemos alguns diários de campo e fotografias de momentos vividos na escola. A última parte será dedicada aos referenciais teóricos-metodológicos, em como eles atuaram em nossa pesquisa com as crianças na escola de educação infantil, bem como, em nossa formação perspectivada por uma formação inventiva de professores (Dias, 2012).

Este trabalho faz uma cartografia em que vamos analisar as experiências que vivemos com as crianças na escola, bem como, nossas práticas e maneiras como nos relacionamos com elas como adultos e professoras. O que desejamos com esse trabalho é viver uma experiência formativa junto com as crianças na escola, onde um passo após o outro e afirmamos nosso modo de pensar e fazer pesquisa com os infantis. Pretendemos seguir caminhos e nesse trajeto viver experiências modificadoras de si, se deixar afetar pelos encontros, conversas, fotografias e por certo modo de ser criança.

Contudo, esta pesquisa apresentará fotografias do início ao fim, onde contaremos um pouco da experiência com aquilo que nos passou e que modificou nosso modo de pensar, ser e se relacionar com os infantis na escola da infância por meio das fotografias. Como diz Susan Sontag, “transformar a experiência em si num modo de ver” (2004, p.35). Além dos referenciais já citados, também apostamos nos diários de campo, proposto por Lourau (1993), a fim de trazer um detalhamento mais sensível dos sentimentos, sensações, das conversas e trocas que se deram nesse caminhar. Para Lourau, “A restituição, enquanto conceito socioanalítico, supõe que se deva, e se possa, falar de algumas coisas que, em geral, são deixadas à sombra” (1993, p.51)

### **Cartografia, fotografia e diários de campo são dispositivos que fazem “coisas” em nós**

Figura 1: Se equilibrando no pneu



[Fonte: acervo dos autores, 2017]

Iniciamos nosso texto dizendo que inventamos junto com as crianças uma pesquisa que pensa modos outros de ser e fazer na escola da infância. Para tanto, ao querer fazer junto torna-se importante também encontrar, conversar e ouvir o que elas têm a dizer. Nesse sentido, ao brincar, conversar e escutá-las, abrimos um caminho para olhares mais atentos e cuidadosos, descobrimos movimentos e intensidades, assim apostamos nesses agenciamentos para compor nosso trabalho. Com Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) pensamos nesse encontro como uma dupla-captura, um roubo, uma captura de si pelo outro, se deixando ser um pouco do outro, sentindo esse outro em nós, nos apossando dele. Um devir é quase uma paixão pelo outro, pelo encontro com algo que traz novos sentidos, que amplia os modos de ser e fazer consigo e com o mundo.

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre 'fora' e 'entre'. Seria isso, pois, uma conversa. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 6-7)

Podemos dizer que um corpo atravessa territórios abertos às aventuras das passagens, daquilo que faz o pensamento pulsar e o corpo vibrar, possibilitando, assim, emanar as intensidades, os movimentos e acontecimentos que surgem nessa caminhada. Acreditamos que a captura se faz pela abertura para viver uma experiência, ao ouvir uma conversa, estar sensível ao encontro, sentir o fluxo contínuo passar por entre os poros e preencher-se por ela.

Movimentos e intensidades surgem como uma força atuante em nós, em nossas sensações, sentimentos, nos acontecimentos emergentes dos afetos e das práticas de constituição de si e do mundo. Criam-se passagens daquilo que procede dos desejos, onde não existe uma linha reta que deve-se seguir, mas linhas de fuga, rupturas, desvios, fugas, emaranhados rizomáticos que em seus entrecruzamentos traçam mapas e se constituem em processos de subjetivação.

Antes de mais nada, o que interessa a Deleuze são os movimentos aberrantes. A filosofia de Deleuze se apresenta como uma filosofia dos movimentos “forçados”. Ela constitui a tentativa mais rigorosa, mais desmedida e também mais sistemática de inventariar os movimentos aberrantes que atravessam a matéria, a vida, o pensamento, a natureza, a história das sociedades. (Lapoujade, 2015, p. 9)

Os encontros, conversas e as escutas são movimentos que fazem passar as intensidades, por meio deles as diferenças se afirmam possibilitando olhares, modos de ser e fazer outros. Assim, em nosso trabalho, práticas, conceitos e arte se articulam numa aposta por modos outros de fazer com os infantis, num desvio das amarras adaptacionistas e instrucionais que preconizam fórmulas prontas, dadas de antemão. Também não pretendemos pensar a criança por sua faixa etária, ou por algum tempo cronológico, desejamos cartografar o território de análise, pois ao traçar nosso caminhar, possibilita-se dar a ver e falar a trajetória da pesquisa com todos seus agenciamentos, atravessamentos e intensidades.

No caso da linguagem infantil os movimentos que se apresentam com mais força são o brincar e a brincadeira. Ao se abrir para tal experiência elas vão expandindo seu universo e com isso seus modos de pensar, ser, fazer consigo e com o mundo. Desse modo, ao pensar e fazer pesquisa-intervenção com crianças na escola da infância fez-se necessário pensar em uma pesquisa junto com as crianças e potencializar sua força ativa, descartando com isso o viés que preconiza e afirma esses sujeitos por uma identidade determinada por sua fase etária.

A atividade de pesquisa-intervenção de base institucionalista busca desconstruir a ordenação que estabelece o ou, traduzido na dualidade hierarquizante (ensinar-aprender), na objetividade (formal ou informal) e na linearidade (causa-efeito), afirmando a potência do e, ou seja, do ensinar e aprender, da atitude de curiosidade e indagação que favorecem encontros entre saberes, coletivos em narratividade, enfim, a composição de campos problemáticos em análise. (Rocha, 2012, p. 44)

Uma pesquisa-intervenção não se faz a fim de não teorizar a criança, o importante está em acompanhar suas passadas, compartilhar emoções, gestos, gostos e abrir-se para tal movimento, produzindo experiências outras. Ao cartografar e intervir nos permitimos viver momentos de intenso aprendizado, experimentando o que entendemos por devir-criança, que para nós pode ser pensado como brincar, se jogar no chão, fazer careta, tirar meleca, andar no meio fio, modos diversos de ser, permitindo seguir os fluxos em certo jeito de ser da criança.

Ao cartografarmos mapeamos os encontros mais afetivos e intensos, as fugas, desvios, frenesis e paixões, usando as fotografias e as escritas nos diários a fim de capturar os movimentos insurgentes e intensos desse trabalho. São invenções e acontecimentos que ajudam a fazer ver e falar os processos de subjetivação que emergem do encontro com as crianças. Brincar com as imagens faz parte desse movimento, se torna o lugar da reinvenção e da fuga aos padrões dominantes (algo próximo do que pode sequestrar nossa subjetividade e produzir diferença). Assim, quando fotografamos nos deixamos seguir pelas intensidades dos instantes, dos acontecimentos e movimentos insurgentes. O importante nesse percurso é caminhar, tentar e repetir aquilo que potencializa a vida, se encontra no que Manoel de Barros diz em seus versos, “Repetir repetir — até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo.” (2016 p.16)

Talvez, podemos completar afirmando que encontrar, fotografar, conversar e escrever nos diários de campo tornam-se potentes dispositivos agindo em nossa pesquisa para poder fazê-la funcionar como desencadeadora de devires compondo com aquilo que já está ali, mas ainda não foi descoberto, estando, no entanto, em vias de se descobrir. Mas afinal o que é um dispositivo?

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (Foucault, 2017, p. 364)

Desencadeadores no sentido de deixar correr os fluxos contínuos do desejo que emanam das crianças e de nós enquanto pesquisadores que pensam e analisam as relações com elas na escola. “Um desenho teórico metodológico que necessita de ferramentas específicas e abertas aos movimentos, às intensidades e a percorrer o traçado de uma trajetória em constituição.” (Dias, 2012, p.25)

Cartografia, fotografia e diários de campo são dispositivos que fazem “coisas” em nós. Não atuam apenas como aparatos técnicos, burocráticos, ao contrário, expressam sensações e

sentimentos. Tais ferramentas são intercessores neste trabalho de pesquisa, pois nos ajudam a lembrar e acompanhar os momentos já vividos e experienciados. Para tanto, não seguimos um modelo pré-determinado, já dado de antemão, ao contrário, a partir de uma análise de pesquisa cuidadosa e atenta mapeamos nosso caminho e seguimos aquilo que potencializa e faz pulsar.

### **Manoel de Barros e seus passarinhos: cartografando movimentos com uso de fotografias e escritas**

Iniciamos essa parte com um questionamento: como a cartografia, a fotografia e os diários de campo nos agenciam a movimentos que juntos abrem um espaço-tempo outro, pensante e atuante? Nossa composição cartográfica se faz entre escritas, fotografias, silêncios, vozes, lentidão, velocidades, nos atravessamentos, aprendizagens e principalmente nas desaprendizagens. Essas ferramentas nos ajudam nas análises dos encontros e conversas com as crianças, bem como a pensar a processualidade da pesquisa com todos seus atravessamentos.

Ousamos desaprender com as crianças a melhor maneira de ter um olhar mais despido de pudor e moral, e ser mais infantil sem ser infantilizado, docilizado. Infantil torna-se a desejar estar em movimento, inquietar-se, se colocar no mundo e dele extrair o mais intenso. As velocidades e lentidões, ou sejam, o movimento infantil compõe este universo tão amplo e desconhecido. Nesse sentido, muitos são os adjetivos que podemos caracterizar a infância, mas de certo que o amargor da obediência não é o que melhor lhes retrata, ao contrário, os retira suas multiplicidades.

Se faz necessário desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo e brincar, com a mediação do adulto ou de outra criança, a fim de aprender novas brincadeiras. Elas descobrem, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais ao, por exemplo, observar outras crianças brincando, como também nas intervenções da professora descobrem como melhor manejar brinquedos, brincadeiras e suas regras.

O que mais é presente no universo das crianças, e também em todo momento da escola de educação infantil, é o brincar. Estar em liberdade, se permitir voar nos espaços da imaginação, do corpo e movimentar-se. Isso acontece quando fogem a todas as imposições, seja quando estão em grupo, duplas ou sozinhos. O adulto tem permissão para entrar nesse universo se for para participar, mas, se entrar para direcionar, ditar regras elas tendem a subverter e fazer ao seu modo. Aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim, ela vai garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica. (Kishimoto, 2010, p.01-02)

As crianças na escola de educação infantil participam de atividades em grupos ou individuais, o que faz compor esse universo infantil. Assim, em que medidas o adulto facilita seu entendimento e aprendizado? Acreditamos que o adulto atua como um facilitador, orientando seus caminhos e condutas, direcionando o entendimento de determinadas regras e modos de fazer nas brincadeiras e nos jogos. Em nosso trabalho, as brincadeiras e jogos sempre foram mediadas por meio da ludicidade, acreditamos nela como ferramenta que faz ressonância com o universo infantil. Citaremos como isso aconteceu em nossa turma, ou como chamamos na escola, grupo.

Todo grupo na escola tinha que pensar em um projeto e um nome, o nosso era chamado grupo “Manoel De Barros E Seus Passarinhos”, por escolha das crianças. Nossas crianças em sua maioria eram formadas por filhos de famílias de professoras e professores universitários, por isso com maior possibilidade de conhecimento sobre determinados assuntos. As famílias sempre pediam que lêssemos as poesias de Manoel de Barros para as crianças, por isso de início lemos algumas para depois pensar e criar novas estratégias.

Nossos meios foram os mais variados, desde textos, como foi dito, a encenação, músicas, brincadeiras, pinturas e desenhos. A encenação, contudo, foi um momento marcante para todos os envolvidos, crianças, professoras e famílias. Aconteceu quando uma das professoras decidiu se caracterizar como Manoel de Barros, usando as roupas do avô, luvas para cobrir as unhas pintadas, bigodes feitos de cerdas de pincel e os óculos, também de seu avô. Ficou quase perfeita sua caracterização, e foi tão impressionante que nenhuma criança desconfiou, mesmo nós ficamos surpresas com o modo como ficou parecido com o próprio autor. Algumas falas surgiram ao estarem diante da personagem caracterizada de Manoel de Barros:

*Diário: julho de 2017*

*Mariana: -Ué, mas ele não morreu?*

*Pedro: - Estou sentindo o perfume da professora x! Ana: -É a professora X, vi o cabelo loiro e o sutiã!*

Nada que superasse a empolgação e felicidade em ver Manoel de Barros ao vivo e em cores. Seguimos nosso dia, e ela passou o dia todo caracterizada. Contou histórias, onde as crianças nem piscavam, almoçou, que foi o momento de muitas outras perguntas, e por fim brincou com todos. Tudo foi um encantamento, elas falaram desse momento o mês todo, sempre pediam que voltasse, e ele voltou, mas dessa vez foi o próprio avô da professora que encenou o poeta. Também ficou bastante parecido, mas sua primeira aparição repercutiu mais no imaginário do grupo.

Figura 2: O Manoel de Barros!



[Fonte: acervo dos autores, 2017]

Essa é a fotografia da professora caracterizada de Manoel de Barros, a foto diz muito por si, ficou incrível seu personagem. Ela ainda fez mais, falava com tom de voz baixo e gesticulava devagar para parecer um idoso, foi uma perfeita artista. Todo esse movimento em torno do poeta fez passar uma experiência outra com o grupo. Nessa composição, encenação, brincadeiras e escritas, o cartógrafo se faz com aquilo que coloca em movimento, com que faz o corpo pulsar e vibrar, extraindo as mais variadas formas, cores, sons, tudo aquilo que se torna sensível que faz dessa experiência um processo de subjetivação entre os envolvidos.

É claro também que nenhuma estratégia gera um só modo de existência: universos singulares criam-se com cada estratégia, quando adotada por uma existência ou outra (sejam essas existências de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade). Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... aqui reside toda riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. O desejo é criação de mundo. (Rolnik, 2016, p.55-56)

Nosso projeto Manoel de Barros e Seus Passarinhos também aconteceu por conta de práticas de escritas no diário de campo que tínhamos, todas as professoras tinham o hábito de escrever diariamente em nosso caderno de plano de aula, desde o mais subjetivo ao mais literal. Esse movimento nos ajudou a identificar o tema do trabalho com as crianças. Desse modo, mesmo com tão rebuscado poeta, ao menos para crianças, coube-nos tratar de modo lúdico a fim de despertar o interesse delas pelo tema.

Acreditamos que o deslocamento se deu por viver uma experiência que mexeu com os sentidos e sensações das crianças e de nós professoras, fantasia e realidade, certo modo diferente de fazer com a escola e suas crianças. Junto com elas nos deixamos levar por uma brincadeira, uma fantasia que nos trouxe mais força e confiança, que ampliou e estreitou os laços afetivos entre todos os envolvidos. O afeto, a amizade e a cumplicidade fizeram parte desse novo momento em nosso grupo. Assim, caminhamos acreditando que os movimentos e fluxos se dão no caminhar, analisando e intervindo no trajeto com uso dos dispositivos cartografia, fotografia e diários de campo.

### **Devir-criança na escola: entre escritas e fotos**

O que atua no devir-criança quando estão na escola faz-se mais próximo do que sejam seus abraços, suas amizades e histórias sem fim, repetidas muitas vezes para que nós, adultos, nunca mais as esqueçamos. O devir-criança na escola sabe que piolho tem quase um nome no diário da professora, de tão frequente. Que sentir cheiros desagradáveis também fazem parte desse dia a dia, a criança vai soltar um “pum” e você vai aguentar numa boa, e ainda vai rir muito junto com elas.

Na escola de educação infantil encontramos com três crianças - com deficiência - numa turma que iniciou com doze crianças entre quatro e cinco anos de idade, depois passou para nove crianças com idades entre cinco e seis anos, onde cada uma tinha especificidades distintas que potencializava o convívio entre elas e fortalecia as amizades, os afetos, descobertas e respeito entre todo grupo.

A riqueza do aprendizado com as crianças com deficiência inseridas no grupo compõe-se no olhar para o outro, no cuidado com o colega e no respeito pelas diferenças. Desse modo, todas as crianças se ajudavam entre si, e nos ajudaram de várias maneiras, desde criar estratégias, pois aconteciam coisas como jogar brinquedos pela janela ou no vaso sanitário, sair correndo da sala pelos corredores da escola, fazer gelatina com o corpo para não sair do lugar

onde estava, entre outras adversidades. A potência se faz na intensidade com que acontece, pois pode ser pensada pela diferença, pela abertura para ver e escutar “sem saber” que estabelecemos com as maneiras de ser que têm as crianças com deficiência.

Vamos trazer trechos dos diários de campo onde aparecem nossa relação com as crianças com deficiência no grupo. A intenção é tornar mais sensível a leitura, trazer mais próximo ao leitor nosso dia a dia com elas de modo que essa relação se mostre como aconteceram algumas trocas, desvios, fugas, tudo aquilo que acontece no caminhar de uma pesquisa-intervenção onde a cartografia compõe-se nessa trajetória.

*Diário, 25 de maio de 2017*

*Akin não fala com a boca, fala com o corpo. Será que se expressa com a alma? Será que vive o presente vivo intensamente? Quando se deita esquece o mundo? Será que não se importa com as regras, e por isso não as cumpre? Será que o horizonte para ele é sem fim? O que percebo é que adora comer macarrão, correr e rolar pelo chão... sentimos seu abraço como o mais sincero dos afetos, suas risadas são as mais gratificantes, brincar de roda faz-se como a maior aventura. Seu modo de sentir a vida é diferente... será que Akin vive em sinceridade com o mundo?*

Figura 3: Contemplação



[Fonte: acervo dos autores, 2017]

*Ele adora ficar nessa posição, a meu ver está contemplando a natureza ao redor de si. Era quase impossível tirá-lo de lá, fazia gelatina com o corpo, corria e voltava para a mesma posição. Era preciso*

*duas ou três professoras para tirá-lo, mas nós também não nos sentíamos bem com isso, porém as crianças tinham suas rotinas de almoço, banho, aulas extras de artes, dança e por aí vai... infelizmente tínhamos a audácia de tirá-lo de sua contemplação.*

Acreditamos que o sujeito pode muito mais do que falar, ler ou mesmo escrever. As potencialidades do corpo não se limitam a um currículo. Nos dias de hoje têm sido mais comuns diagnosticar as crianças ao invés de seguir seus caminhos e mapear suas passadas a fim de perceber suas potências E, esse talvez seja um deslocamento em nosso modo de ver a escola e suas crianças, no fazer docente com os infantis, e descobrir que a escola não se faz, mas se vive no dia a dia. Trazemos então outra parte do diário e mais uma fotografia que compõem essa cartografia.

*Diário, 24 outubro de 2017:*

*Akin não gostava de ficar de roupa, especialmente no calor, por isso estava sempre às tirando. Eu queria deixá-lo assim, sem roupa, pois quem gosta de usar roupas no calor? Mas a realidade é que não é permitido andar sem roupas na escola... Eu sempre falava para ele que não éramos mais indígenas, ainda que muitos indígenas (ao menos os isolados, pois nem todos vivem uma vida distante de nossos costumes...) tenham mais sensatez que nós, ocidentais que vestimos “jeans” no calor de 40° G do Rio de Janeiro. E pensava: “Akin, é bem chato, mas temos que nos vestir...”, e tornava a colocar as roupas nele, e ele em seguida tirava... Assim seguia por todo dia, até que um de nós cansava, geralmente eu! Risos Para mim tinha muito dele no Bernardo que Manoel de Barros traz em seus versos,*

*BERNARDO É QUASE UMA ÁRVORE*

*Bernardo é quase uma árvore.*

*Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem*

*De longe*

*E vem pousar no seu ombro. Seu olho renova as tardes.*

*Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho;*

*1 abridor de amanhecer*

*1 prego farfalha*

*1 encolhedor de rios – e 1 esticador de horizontes.*

*(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teia de aranha. A coisa fica bem esticada.) Bernardo desregula a natureza.*

*Seu olho aumenta o poente.*

*Pode um homem enriquecer a natureza com sua incompletude?(Barros, 1993, p. 17)*

*Nosso amigo Akin adorava ficar por tempos parado contemplando o nada, sentindo a brisa bater, como sua meditação diária. Quando se deitava para sentir o vento, era quase um monumento, imóvel por um bom tempo com as mãos no queixo e os pés para cima (sacolejando um pouco). Em minha memória era um quadro. De vez em quando vinha alguém e reclamava, tirava ele de sua posição impondo outra, ele resiste, corre, foge às imposições, subverte as regras. Faz gelatina com corpo! Incrível sua sagacidade! O que não diz com palavras faz com o corpo. O fato dele não ser verbal não limita ele de expressar seus desejos e sentimentos de afeto e repulsa. Quando ele queria demonstrar carinho, sentava em nosso colo e abraçava, ele lembrava aqueles cachorros grandes de tamanho, mas novos de idade.*

Figura 4: Abraço de urso!



[Fonte: acervo dos autores, 2017]

Há braços quando nos abrimos ao encontro com outros e seus distintos modos de funcionar. Akin conversa com o corpo, se expressa por meio de gestos, nos seus abraços há afetos em seus devires animais e infantis, uma delícia esse encontro entre nossos corpos, como um abraço de urso! É algo que faz relação como Deleuze e Guattari falam sobre o devir- animal, de certa aproximação em atos, sentidos e formas de expressar. Como o acariciar de uma criança com a cabeça igual a um gato se torna a mais sincera forma de dizer que gosta do outro, de demonstrar afeto.

Já os dois, por sua vez, invocam uma zona objetiva de indeterminação ou de incerteza, 'algo comum ou de indiscernível', uma vizinhança 'que faz com que seja impossível dizer onde passa a fronteira do animal e do humano não apenas nas crianças autistas, mas todas as crianças, como se, independente da evolução que a puxa em direção ao adulto, haveria na criança lugar para outros devires, 'outras possibilidades

contemporâneas', que não são regressões, mas involuções criadoras, e que testemunham 'uma inumanidade vivida imediatamente no corpo enquanto tal', núpcias anti-natureza 'fora do corpo programado'. Realidade do devir-animal, sem que, na realidade, nos tornemos animal. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 58)

Apaixonar-se por sentir o vento como um pássaro, ficar sem roupa, por deitar-se na mesa ou devorar a comida, brincar de sair correndo como um cão e pular na piscina sentindo a água igual um peixe no rio ou porco na lama, o corpo dando sinais de seus desejos, fugindo às regras insólitas, desviando o caminho e tentando viver aquilo que faz sentido para si. “A infância não é apenas uma questão cronológica: ela é uma condição de experiência. É preciso ampliar os horizontes da temporalidade.” (Kohan, 2007, p.86)

Assim, sem o olhar moralista e embrutecedor da sociedade, cada criança tem um jeito, um gosto, vive à sua maneira, sentindo e tendo necessidades distintas das dos adultos. Mas isso não faz delas uma parte menor da sociedade no sentido de menos importante, devendo sempre estar mediados por pessoas que possam capacitá-los para outra fase, outro momento que não esse que já vivem. Cada criança tem e faz seu tempo, sua relação com o mundo, a experiência em viver algo que as afete e transforme talvez seja um bom caminho.

As pessoas pensam sempre em um futuro majoritário (quando eu for grande, quando tiver poder...) quando o problema é o de um devir-minoritário: não fingir, não fazer como ou imitar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas tornar-se tudo isso, para inventar novas forças ou novas armas. (Deleuze; Parnet, 1998, p. 5)

A aposta em pesquisar junto faz com que estejamos atentos, como nos dizem os autores, aos desejos e aos sentidos da criança. Com isso, nossa aposta é pensar a criança na escola como uma força ativa, ou por sua força de potência. Desejamos analisar como é a criança em seus trajetos de vida na escola, e não por meio de alguma definição que as categorize por sua fase etária, ou por seus diagnósticos e laudos médicos, mas por suas intensidades, seus fluxos e movimentos.

Buscamos em nosso trabalho escapar da representação social, queremos falar dos corpos subversivos que com seus desvios e fugas fizeram a vida funcionar a seu favor e não se deixam governar, ao contrário, resistem ao governo de seus corpos e de suas condutas. As imagens a seguir retratam um pouco dessa rebeldia transformada em realização de um desejo. Descer de velocípede num lugar mais íngreme da escola, chamado de colina. Apesar de certo receio de nós, professoras, acabamos por deixá-las descer colina abaixo de velocípede, no fundo também queríamos ter um brinquedo daqueles para escorregar.

Foi uma revolução no dia a dia deles na escola ao conseguir fazer viver essa aventura. Um desvio das boas “condutas esperadas”! Houve um momento em que se questionou sobre

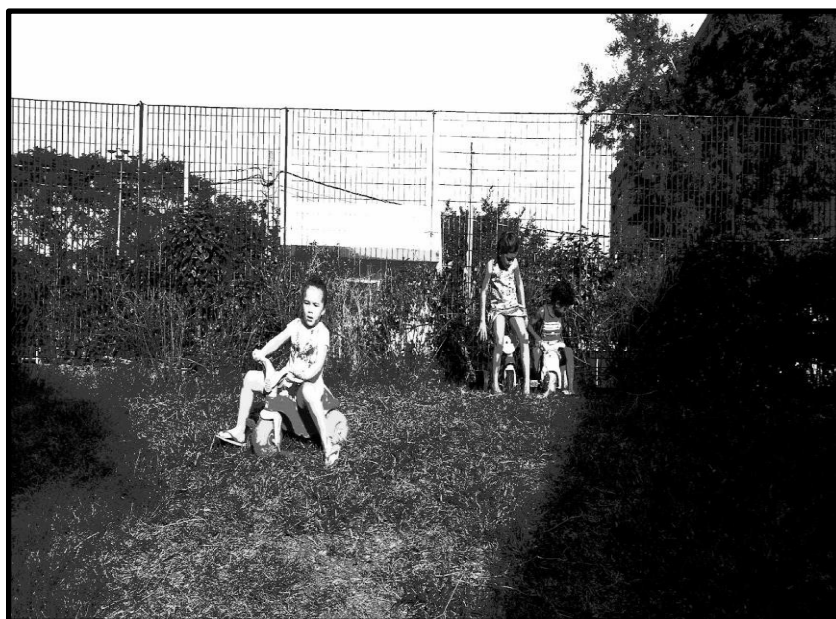
quem deixou as crianças descerem a colina de velocípede, mas que rapidamente foi calada com gritos eufóricos de alegria e entusiasmo.

Figuras 5: A colina



[Fonte: acervo dos autores, 2018]

Imagem 6: A descida



[Fonte: acervo dos autores, 2018]

Devir não se constitui por obrigação, mas por desejo, paixão, desvio das condutas moralistas e ditatoriais. Com isso, o que nos interessa se torna analisar aquilo que arrebatava e faz o corpo vibrar e o olhar brilhar, porém, não são movimentos necessariamente turbulentos, podem ser mais lentos e serenos. O alvoreçar dos corpos infantis, seu frenesi, paixões e devaneios atravessados por linhas retas ou curvas, agitadas e mansas, mas nunca limitadas por métodos ou fórmulas prontas.

Trata-se de pensar os infantis a partir de suas próprias criações de mundo e modos de ser, e não por um mundo dado e criado de antemão. A invenção se dá pela interação com o universo infantil de maneira a compactuar com seu jeito de viver e sentir, potencializando essa característica e não reprimindo. Nesse sentido, Deleuze e Guattari, quando retoma um questionamento de Espinosa, nos ajudam a pensar quando perguntam:

O que pode um corpo? Chama-se latitude de um corpo os afectos de que ele é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites desse grau. A latitude é feita de partes intensivas sob a capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação. Assim como evitávamos definir um corpo por seus órgãos e suas funções, evitamos defini-lo por características Espécie ou Gênero: procuramos enumerar seus afectos. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 38)

O corpo é marcado por fluxos, repouso e movimento são exemplos, desse modo o corpo está sujeito a interferências desestabilizadoras e insurgências tão inesperadas quanto à própria vida. Esse efeito de insurgir faz parte do plano de imanência, que se faz onde tudo transcorre, as linhas se encontram, distanciam, aceleram, param, são composições, processos em movimentos, intensidades, onde os afetos acontecem e fazem coisas em nosso corpo e pensamento.

No entanto, a sociedade e a ciência nos fazem acreditar que somos capazes de decifrar as crianças, diagnosticar suas condutas e ditar sua infância. Faz-se acreditar em uma suposta sapiência adulta em saber o que é melhor para suas vidas. Assim, a ilusão transcorre de modo que a criança precisa ser pensada por sua fase etária, desvalorizando, com isso, as experiências afetivas, os movimentos que transbordam sensações e sentimentos que potencializam a vida. Enquanto a aposta com as crianças for para adentrá-las no universo adulto, como se a infância fosse uma passagem para outra fase, o destino para ela está em um lugar representacional e impotente.

Existem deslocamentos que permitem pensar a criança e sua infância por meio das relações que se constituem nos encontros, potencializando seus desejos, paixões e afetos. São possibilidades de viver uma infância mais livre das amarras modernas, do universo adulto,

viver um devir-criança. Nesse sentido, em que o devir-criança se distingue dos modos usuais de pensar a criança e a infância?

Com relação à infância, o fragmento também sugere que o próprio da criança é ser não apenas uma etapa, uma fase enumerável e quantificável da vida humana, mas um reinado marcado por outra relação- intensiva com o movimento. No reinado infantil, que é o tempo, não há sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração. (Kohan, 2007, p. 86-87)

Assim, no tempo cronológico não se faz o devir-criança, mas no tempo dos movimentos, dos afetos, do fortuito e não planejado, das intensidades que compõem seu caminhar. Mapear e cartografar as trajetórias de um plano de afetos é o nosso exercício investigativo aqui. Para isso apresentaremos outro diário de campo, em que queremos problematizar uma questão: Porque definir um corpo pode o sequestrar?

*Diário, setembro de 2017:*

*Uma das crianças não mexia os membros com firmeza, e sempre tinha ajuda de outras para dar de comer, beber ou se locomover. O tempo foi nosso aliado, e com o convívio nós aprendemos a nos conhecer, perceber as necessidades, o que faz o outro rir ou chorar. Éramos um grupo unido, e adversidades, a nosso ver, foi o que motivou o fortalecimento e união de todas e todos. Queremos destacar que os modos como essas crianças com deficiência se expressam é distinto, e foi no encontro com elas que vivemos a experiência de interpretar os sinais do corpo. Quando não se consegue expressar verbalmente ou por meio da escrita, o corpo fala por si, ele diz quando sente afeto, fome, sede, calor, tristeza, dor. Queria poder dedicar muitos versos a ela, minha amiguinha, pequena no tamanho, mas enorme no coração. Teu olhar contagia. Aurora era reluzente como dia de sol e intensa como noite de luar. Seus choros impactam os desavisados, inebriam os corações sensíveis. Enquanto você dá risadas, o mundo faz nascer uma flor. A estrela brilha mais forte nos seus olhos, e seu sorriso contamina até o mais duro dos vilões. As ondas do mar são tão fortes como seus abraços. Cada passo seu é um descompasso em nosso coração.*

*Era a segunda vez que voltava à escola depois de minha saída, eu estava com muitas saudades das crianças. Quando cheguei algumas crianças tinham faltado, mas com as que estavam ali foi a maior festa, todas vieram correndo me abraçar, menos Aurora que estava no banho. Aurora anda com dificuldade, e assim como Akin não consegue se expressar verbalmente. Ela também precisa de ajuda para segurar talheres e copos. No entanto, ela tem muita ajuda das outras crianças, não só nos momentos de dificuldade, mas nas brincadeiras também. Todas as crianças nos ajudaram com muito carinho, mas ela tinha duas grandes amigas, que liam, contavam histórias, ajudavam no banho, no almoço, lanche, estavam sempre perto dela. As crianças têm muito afeto dentro de si, sabem compartilhar sentimentos e são sensíveis ao outro. Retomando o dia que fui à escola, fiquei brincando*

*com as outras crianças enquanto Aurora tomava banho, para que logo viesse ao nosso encontro. Quando Aurora finalmente chegou começamos a brincar, penso que ela tenha me reconhecido, pois começou a gargalhar intensamente, por um tempão ficamos rindo juntas! Minha querida Aurora, minha amiga, quantas vezes coloquei ela no colo para parar de chorar, quantas histórias que lemos e rimos juntas. Aurora é amorosa e dá carinho com a cabeça igual gatinho. Foi uma grande amizade que fiz, algo que expandiu o mundo para mim, incrível de sentir e viver, agradeço ao universo por esse encontro. Crescemos juntas, aprendemos sobre o respeito e amor. Com ela e Akin percebi que o trabalho com as crianças com deficiência mais do que necessitar de especialistas no assunto, precisa de atenção, cuidado e sensibilidade.*

*Uma vez uma estagiária da escola perguntou para mim:*

*- Mas você sabe quais são as diferentes formas de autismo? Como trabalhar com essas diferentes situações?*

*Não sou de respostas rápidas, demorei a pensar... na hora respondi:*

*- De teoria conheço mais ou menos, o que aprendi sobre elas foi conhecendo no dia a dia da escola mesmo.*

*Acho que ela esperava mais da minha resposta... foi a que dei na hora, e penso que tenha sido a melhor resposta.*

*A outra menina que aparece na foto abaixo é Maria, e sempre foi a grande amiga de Aurora, ela costumava ler para ela, ajudar no banho, nos deslocamentos entre os espaços (salas de aula, pátio, refeitório etc.), também gostava de ajudar nos momentos da refeição. Quando soube que Aurora começou a andar, o que aconteceu na escola, ela ficou verdadeiramente emocionada pela conquista de sua amiga. Assim como Maria, todo grupo tinha uma relação de muito carinho, respeito e alteridade entre as crianças.*

Imagem 7: Amizade



[Fonte: acervo dos autores, 2017]

Queremos ressaltar que uma relação entre adultos e crianças, com deficiência ou não, está para além de qualquer normativa ou imposição curricular. Acreditamos no processo de produção de subjetividade, na experiência transformadora de si e do mundo. As crianças vivem nos fluxos, possibilitando assim viver experiências que fazem delas outras, nem melhores, nem piores, mas outras, diferentes daquilo que foram em algum momento. Isso não tem a ver com tempo, mas com a experiência.

Assim, tornamos a retomarmos a questão: Porque definir um corpo pode o sequestrar? O sequestro não é apenas do corpo, mas das subjetivações. Definir ou estigmatizar o sujeito por seus diagnósticos, laudos, ou “nível” de desenvolvimento, não revela sua relação com a vida. Quando trazemos nossas cartografias, fotografias e diários de campo de momentos com as crianças, queremos destacar como seus afetos inquietam e atravessam nossos modos de ser e pensar. A criança se transforma nos elos que estabelece, no encontro com o outro, que, por mais que tenham os elos parentais, existem também as amizades que acontecem nos percursos.

Elas inventam seu próprio modo de viver as experiências de ser criança, de constituir amizades e relações. Esse movimento é um salto na vida da criança, o momento da constituição das relações, quando fazem suas primeiras amizades, são uma mistura de intensidades e afetos que atravessam o campo do sensível. As amizades estão além das suposições e obviedades pedagógicas ou mesmo científicas, pois são ampliações de mundo, relações de puro devir. O uso da cartografia, dos diários de campo e da fotografia atravessam o plano estético que funciona como um dispositivo, uma máquina de fazer ver e falar estas trajetórias infantis dos Akin, das Marias, das Auroras e do que os move.

Infelizmente temos poucos relatos dessas crianças propriamente, pois ambas não se comunicavam verbalmente, apenas por gestos, toques, choros, inquietações. Mas tem uma frase que reverbera de Maria em nossos pensamentos, disse a seguinte frase:

*Diário, 23 de fevereiro de 2018*

- *Tia, eu amo brincar com a Aurora, ela me deixa muito feliz!*

*Seus olhos enchem de lágrimas ao falar da amiga.*

*Eu também me sinto emocionada ao ouvir esse relato.*

Como a força que têm as relações, as amizades e afetos entre as crianças podem ser pensados em potência na infância? O que existem são outras possibilidades de viver uma infância mais livre das amarras hegemônicas, do universo adulto, viver um devir-criança. Desse modo, não vamos apresentar respostas prontas para as perguntas, nossa intenção é trazer momentos, situações em que aconteçam desvios aos modelos dominantes. Como um plano de imanência onde a criança se permite fugir/desviar do que lhe é imposto, e aventurar-se em seus devaneios e paixões.

### **Encontrar, conversar, fotografar e escrever: cartografia em uma formação inventiva de professores**

Esta parte da pesquisa será dedicada aos nossos referenciais teóricos metodológicos, pretendemos falar um pouco mais como estes nos ajudam a tecer uma pesquisa-intervenção (Rocha, 2012) com ajuda do método da cartografia. Nesta processualidade formativa, tivemos outros operadores conceituais e metodológicos que funcionam a favor de uma formação inventiva de professores (Dias, 2012). Destacamos que este trabalho pretende trazer experiências de uma formação inventiva de professores, onde a trajetória desta pesquisa com a escola básica se dá com o uso dos dispositivos: cartografia (Deleuze; Guattari, 2004), diários de campo (Lourau, 1993) e a fotografia (Sontag, 2004).

Uma formação inventiva se faz na processualidade e em coletivo, em nosso caso, em parceria com as crianças. Não existe um modo certo de fazer, o que existe são práticas, devires, fluxos, caminhadas, processos em curso, para que então se descubra algo novo, que se constitua uma experiência modificadora de si.

Uma formação inventiva, ao contrário, afirma um princípio ético-estético-político que distingue formar e capacitar, em que o processo de formação não se separa do modo de fazê-la; a matéria prima é, então, uma política de cognição que se desvia da lógica da capacitação e investe na experiência compartilhada entre formadores e formandos. (Dias, 2012, p. 29)

Esses referenciais teóricos e metodológicos fazem parte de nosso repertório desde a graduação, e até hoje atravessam nossas práticas docentes. Assim, ler, estudar, escrever, fotografar, são movimentos tecidos desde a formação perspectivada pela invenção. Com este contágio, que reverbera em nosso momento presente é que prosseguimos afirmando uma formação inventiva de professores como modo outro de estar, ser e fazer pesquisa com a escola da infância.

Em nossas análises, percebemos que a criança costuma viver as intensidades, os movimentos diários que a vida lhe proporciona. Isso permite com que vivam experiências para além do que muitas teorias tentam explicar, pois faz ligação com os sentimentos e sensações. É um plano imanente ao sujeito, acontece por contágio, no encontro com outro como um duplo-roubo.

Assim, algumas problematizações se deram após as escritas: Em que sentidos a tessitura desta prática ativa a criança em nós adultos? Como a experiência forja trajetórias infantis nas crianças? Em que sentidos ela – a experiência – pode talvez forjar diferença nos modos instituintes de constituição das práticas com os infantis? Será que estas atividades tencionam as práticas adaptacionistas e reguladoras das subjetividades infantis?

Abaixo trago nosso último diário de campo em que fotografia e escrita compõem juntas esse entrelaçar e agenciam-se o universo infantil. Ambas funcionam a favor de um modo de pensar e fazer educação distinto dos usuais, mas que potencializam as diferentes maneiras de ser da criança, colocando-a num lugar de potência, desvio, encontro e fuga, mas também de conversa e silêncio, o agenciamento acontece no atravessamento dessas linhas que cruzam nosso caminhar.

Imagem 8: Dudu da Noite!



Fonte: acervo pessoal, 2018

*Diário: julho de 2017*

*As crianças têm alma de artista, vivem inventando arte, nunca vi tanta inventividade. Outro dia um deles foi fantasiado de DUDU da noite, fantasiado como um vampiro com a boca costurada. Assim ele permaneceu toda a manhã, sem falar uma só palavra, se comunicava por gestos com as crianças e conosco. Eu, na minha cabeça adulta, rindo muito, não acreditava que ele estava levando*

*tanto a sério o personagem. Até perceber que ele não falava nada, apenas por gestos. Então, quando estava chegando próxima a hora do almoço conversamos com ele e dissemos que teria que comer e para isso deveria abrir a boca. Ele levou tão a sério o personagem que quase não quis almoçar. Ele só abriu a boca quando decidiu comer e percebeu que deveria abrir a boca para colocar a comida dentro. O fato é que um momento de ludicidade, de devaneio de uma criança é quase uma obra de arte, é lindo, encantador e muito engraçado. Não poderia deixar de escrever sobre esse dia.*

É como inventar seus próprios personagens e até mesmo uma história, e brincar com a “coisa” séria. Já que a brincadeira não é levada a sério, visto que sério é chato, é “coisa” de adulto, e aqui trabalhamos com crianças. Inclusive ousamos escrever um pouco como elas, já temos muito delas em nós e fica difícil não fazer, é quase uma desobediência, um devir-criança. As imagens junto com as escritas vão traçando esse processo de produção de desejo por modos outros de se relacionar com os infantis. Nossas análises e intervenções vão acontecendo nesses meandros, nas brechas e desvios que encontramos para conversar, pensar, escrever e fotografar.

A infância aparece como uma potente força vivaz criadora de si, onde ser criança é o ápice da vida, pois elas criam seus movimentos e estão ritmadas pelos fluxos insurgentes, insubmissos, intensos e suaves, por uma multiplicidade de cores, formas, tons, gestos, sons, momentos que se passam e transformam o acontecimento em uma experiência modificadora de si e do mundo.

A potência da infância e da criança está na subversão ao tempo cartesiano, onde exige-se um crescimento acelerado e desenvolvimento de aptidões e habilidades. Ao abandonar as regras normativas que as impedem de viver seu devir-criança (DELEUZE, 1997), elas desviam dos aparelhos normativos, das imposições sociais. Criando com isso espaço-tempo outro, território aberto para passagem dos fluxos que desencadeiam as potencialidades de suas paixões e desejos.

Entendemos que os desvios e paixões forjados com o Akins, Auroras, Marias, Dudus e outros sujeitos e/ou personagens, nos ajudaram a tecer uma pesquisa cartográfica com as crianças na escola da infância. Sendo possível, assim, acompanhar suas trajetórias e também analisar a processualidade de nossa formação com uso dos dispositivos.

A pesquisa-intervenção, a cartografia, o diário de campo e a fotografia são os dispositivos que compõem este trabalho com as crianças e com a escola de educação infantil. Com uso dessas ferramentas fomos tecendo nossas linhas, alinhando e desalinhando os traçados cartográficos. Nossa intenção é dar a ver e falar uma pesquisa com as crianças na escola, sem que para isso houvesse um modelo pronto a ser seguido e por onde nós deveríamos nos guiar.

Nossa direção foram as escritas, as fotografias, as conversas, os encontros, nos deixando seguir pelos fluxos que emanam desse trajeto.

Para tanto, o trabalho com a cartografia nos ajuda a problematizar o que emerge na pesquisa. Algumas questões nos provocaram com a pesquisa: É possível libertar a criança da infância entendida por uma fase etária? Como a fotografia, os diários de campo e a cartografia podem nos ajudar a desviar dos padrões normativos e constituir outras práticas de pesquisa com crianças?

A infância encarada como uma projeção para a fase adulta, limita experiências que emergem do seu próprio repertório, daquilo que as afeta e provoca. Ao mapear, cartografar e escrever nos diários de campo nossos encontros, como também analisar as trajetórias vividas com as crianças, foi-se constituindo nosso devir. Buscamos o entrelaçar das fotografias com as escritas dos diários de campo, com isso pensar nos modos de fazer e ser da pesquisa junto com as crianças na escola.

Em nossas análises e intervenções notamos que os dispositivos adentram e potencializam o próprio fazer do pesquisador, surgindo desse encontro outros movimentos e agenciamentos. Com isso, por meio de uma formação inventiva de professores, traçamos um caminho em que o encontro e as conversas com crianças na escola de educação infantil.

transformou essa trajetória numa experiência modificadora de si, ampliando e desviando para afetos e modos outros de fazer, sentir e ver a vida com um jeito mais “infantil” (KOHAN, 2007) de seguir nossa caminhada.

Cartografia, fotografia e diários de campo atuaram como um dispositivo a favor de uma vida não conformada, em uma constante constituição do sujeito em um modo outro de ser, estar e pensar sua relação consigo e com o mundo. Nossa intenção com essa pesquisa não é concluir algum estudo acerca da criança e sua infância, mas levantar questões, problematizando as condutas e discursos sociais que reprimam e modelam seus desejos, fugas e paixões.

### **Referências bibliográficas:**

- BARROS, Manoel de. *Livro das ignoranças*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993.
- BISWAS, Tanu. *Childism and philosophy: A conceptual co-exploration*, 2023.

- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: *Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas(1975 – 1995)*. Tradução de Guilherme Ivo; revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora: 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. O que as crianças dizem. In: *Crítica e Clínica*. São Paul: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs, v.4*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: ed.54, 1997. DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'água, 1998.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; Rodrigues, Heliana de Barros Conde. Deslocamentos, Invenção e Formação Outra. Reflexão e Ação. *Santa Cruz do Sul*, v.28, n3, p.166-180, set/dez. 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, Arte e Invenção. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.
- KASTRUP, Virgínia; Barros, Regina, B. Movimentos - Funções do dispositivo na prática da cartografia. In: *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre : Sulina, 2010.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte, 2010.
- KOHAN, Walter, O. A infância da Educação: o conceito devir-criança. In: *Infância, estrangeiridade e ignorância. Ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, Os Movimentos Aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LOURAU, René. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- ROCHA, Marisa, Lopes. Falando de pesquisa-intervenção na Formação Escolar. In: *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- SCHÉRER, René. *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.